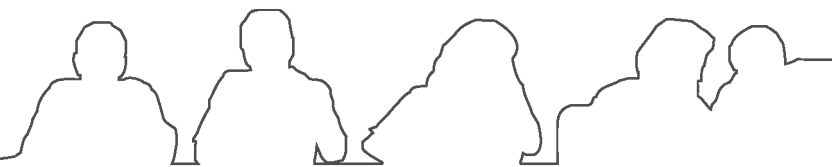


our play is  
The most  
lamentable  
comedy and  
most cruel  
death of  
Pyramus and  
Thisbe







Marlene Soares dos Santos

# SHAKESPEARE: *AS COMÉDIAS*

*JTE*  
*Jessitura*

BELO HORIZONTE

2016

Copyright © Marlene Soares dos Santos, 2016  
Todos os direitos reservados à Tessitura Editora

*Modelo da Capa*

Milton Fernandes

*Diagramação*

Ivan Yelizárow

*Revisão*

Tessitura, Diagramador

*Editora Responsável*

Maria Adélia Vasconcelos Barros

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Nina C. Mendonça – CRB 1228-6

Santos, Marlene Soares dos  
S237s Shakespeare: as comédias / Marlene Soares dos Santos. –  
Belo Horizonte: Tessitura; CESh, 2016.  
64 p. (Cursos & palestras, 2).

ISBN: 978-85-99745-39-7

1. Shakespeare, William, 1564-1616 – Crítica e interpretação.
2. Teatro inglês (Comédia). I. Título.

CDD: 822.33

TESSITURA EDITORA

Av. Getúlio Vargas, 874 . sala 1503

30112-020 . BH . MG . Brasil

Telefax: 55 . 31 . 3262 0616

[www.tessituraeditora.com.br](http://www.tessituraeditora.com.br)



# Sumário

<i>Introdução</i>	11
<i>As Comédias e o Cânone Shakespeariano</i>	15
<i>As Comédias Românticas</i>	19
<i>As Comédias Sombrias</i>	43
<i>A Linguagem</i>	55
<i>Conclusão</i>	59
<i>Bibliografia</i>	60



Centro de Estudos  
Shakespeareanos (CESh)

EDITORA GERAL

Aimara da Cunha Resende

EDITOR ADJUNTO

Erick Ramalho

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Dr. Ángel-Luis Pujante | Universidad de Murcia (Espanha)

Profa. Dra. Fátima Vieira | Universidade do Porto (Portugal)

Prof. Dr. José Roberto O'Shea | UFSC

Profa. Dra. Margarida G. Rauen | FAP

Profa. Dra. Marlene Soares dos Santos | UFRJ

Prof. Dr. Michael Warren | University of California (EUA)

Prof. Dr. Saulo Cunha S. Brandão | UFPI

Profa. Dra. Solange Ribeiro de Oliveira | UFMG

Prof. Dr. Thomas LaBorie Burns | UFMG

COMISSÃO REVISORA

Profa. Dra. Adelaine LaGuardia | UFSJ

Profa. Dra. Anna Stegh Camati | UNIANDRADE

Profa. Dra. Elinês Oliveira | UFPB

Profa. Dra. Liana Leão | UFPR

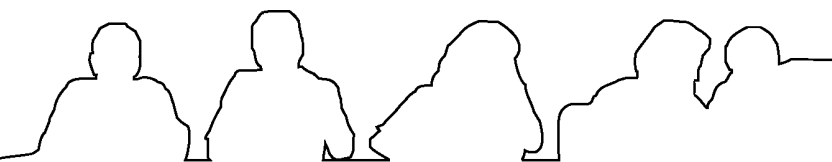
Profa. Dra. Magda V. S. Tolentino | UFSJ

Profa. Dra. Márcia Martins | PUC-Rio

[www.funedi.edu.br/cesh](http://www.funedi.edu.br/cesh)

[cesh@funedi.edu.br](mailto:cesh@funedi.edu.br)

SHAKESPEARE:  
*AS COMÉDIAS*



**cursos**





“... our play is ‘The most lamentable comedy and  
most cruel death of Pyramus and Thisbe’”

“... o nosso drama é *A mui lamentável comédia  
e cruelíssima morte de Píramo e Tisbe.*”

*Sonho de Uma Noite de Verão*, I.2.9-10



## INTRODUÇÃO

Quando Quince, o autor e diretor da peça que os artesãos pretendem apresentar na comemoração das bodas de Teseu e Hipólita, anuncia o seu título (ver epígrafe deste volume), pode-se imaginar que Shakespeare (1564-1616) estaria brincando com outros títulos de peças mais antigas, tais como a de Thomas Preston *A Lamentable Tragedie, Mixed Full of Pleasant Mirth*, com o título alternativo de *A Comedye of King Cambises* (1561), ou a de R.B. *A New Tragicall Comedie of Apius and Virginia* (1571-75). Na última cena de *Sonho de Uma Noite de Verão*, a peça dos artesãos é apresentada como uma “tragédia alegre” (V.1.54), e Teseu pergunta: “Como haverá acordo em tal discórdia?” (V.1.56).<sup>1</sup> A resposta poderia ser dada por Polônio, que inclui o gênero “trágico-cômico-histórico-pastoral” como integrante do repertório da companhia de atores ambulantes em *Hamlet* (II.2.367). E a encenação ingenuamente cômica da história trágica de Píramo e Tisbe, narrada por Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.) em *Metamorfoses*, mostra as tênues divisões entre o trágico e o cômico em se tratando de teatro.

Além da prática teatral, Shakespeare também poderia estar reagindo de maneira bem humorada às teorias neo-clássicas sobre a arte dramática, cujo propagador maior foi Sir Philip Sidney (1554-86). Em sua obra *A Defense of Poesy*

.....  
1. Todas as citações da peça *Sonho de Uma Noite de Verão* ao longo deste livro são originárias da tradução de Barbara Heliodora. *Comédias e Romances*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2009, pp. 331-420.

ou *Apology for Poesie*, publicada postumamente em 1595, ao mesmo tempo em que defendia o teatro dos ataques dos puritanos, Sidney criticava a dramaturgia vigente: “Nossas tragédias e comédias, contra as quais se protesta, justificadamente, não observam nem as regras, nem a propriedade, nem a arte poética... as peças não são nem completamente tragédias, nem completamente comédias e misturam reis e bufões... não havendo entre nós nenhuma comédia no verdadeiro sentido da palavra, e sim partes cômicas em nossas tragédias...” (*Defesas da Poesia*, 2002: 130 e 132). Sidney morreu antes que o teatro inglês tivesse alcançado o ápice do seu prestígio e popularidade, o que criaria uma demanda enorme de peças para as diferentes companhias e exigiria um trabalho incessante dos autores, que, para atendê-las, muitas vezes escreviam em parceria e não tinham tempo para burilar as obras. Assim, mesmo as teorias sendo conhecidas, raramente poderiam ser postas em prática.

A comédia elisabetana em geral e a shakespeariana em particular são oriundas de várias tradições teatrais: clássicas – as peças de Plauto (c.254-184 a.C.) e Terêncio (c.195-159 a.C.); nativas – mistérios, moralidades e interlúdios – e a comédia italiana renascentista – a *commedia erudita* e a *commedia dell’arte*. Além disso, elas também se beneficiavam da dramaturgia contemporânea popular e aristocrática, como as peças de John Lyly (c.1554-1606), por meio da imitação e da intertextualidade (Clare, 2014). Ao contrário de Ben Jonson (1572-1637) e Thomas Middleton (1580-1627), que preferiam focalizar as loucuras e os vícios da cidade de Londres e seus habitantes, criando as tramas das chamadas “city comedies”, a maioria dos dramaturgos, inclusive Shakespeare, para escre-

verem seus enredos, recorriam a narrativas de procedências diversas: lendas, mitos, romances gregos e de cavalaria, literatura clássica e contemporânea, contos populares e eruditos. Entre todas as peças do cânone shakespeariano apenas quatro não apresentam fontes literárias conhecidas: *Trabalhos de Amor Perdidos*, *Sonho de Uma Noite de Verão*, *As Alegres Comadres de Windsor* e *A Tempestade*; e as três primeiras são comédias. Apesar das dívidas evidentes das peças de Shakespeare para com as diferentes tradições literárias e teatrais, sua atitude característica em relação a elas é exploratória, dialógica e inovadora. Devem-se acrescentar, ainda, as influências dos rituais pagãos e religiosos, dos folguedos campestres e das festas citadinas obedientes ao calendário na composição das formas dramáticas cômicas.



## AS COMÉDIAS E O CÂNONE SHAKESPEARIANO

Quando os companheiros e amigos de Shakespeare, Henry Condell (1576-1627) e John Heminges (1566-1630), decidiram publicar a sua obra dramática, intitularam o livro *Mr. William Shakespeare's Comedies, Histories & Tragedies*, datada de 1623. Este volume é conhecido como *First Folio*, título que o distingue dos outros três que ainda apareceriam no decorrer do século XVII. O próprio título já aponta para a classificação das peças e o *Catalogue* (índice) explicita esta classificação: das 35 listadas (*Troilo e Créssida* aparece no livro, mas não consta do índice) *Péricles* e *Os Dois Primos Nobres* estão ausentes, talvez por serem peças em que Shakespeare colaborou com outros autores), as *comedies* vêm em primeiro lugar e são em número de 14; seguidas por 10 *histories* e 11 *tragedies*.

Esta classificação, por abranger um número grande de peças, há muito tem sido questionada. *A Tempestade* e *O Conto do Inverno*, que aparecem entre as comédias, mais *Cimbeline*, *Rei da Britânia* listada entre as tragédias, foram destacadas do grupo e reunidas sob o nome de “comédias tardias” ou “tragicomédias”. Entretanto, desde que Edward Dowden, em seu famoso livro *Shakspeare: A Critical Study of his Mind and Art* (1875), argumentou que elas são marcadas por uma grande influência da forma literária romanesca, e as chamou de “romances”, elas são classificadas como tais ao lado de *Péricles* (não incluído no *First Folio*). Atualmente, estas peças aparecem como uma categoria autônoma na edição das obras comple-

tas *The Riverside Shakespeare* (1997) e *The Norton Shakespeare* (2008). Levando-se em consideração que *Troilo e Créssida* não aparece no índice, mas consta do livro, pode-se concluir que a comédia foi o gênero mais praticado por Shakespeare: 13 peças ao todo. E esta conclusão pode ser reforçada se ainda levarmos em conta duas peças perdidas, atribuídas a ele – *Cardenio*, baseada em um episódio de *D. Quixote* de Cervantes (1547-1616) e *Love's Labour's Won* (*Trabalhos de Amor Recompensados*), uma possível sequência de *Love's Labour's Lost* (*Trabalhos de Amor Perdidos*). Segundo a cronologia atualmente aceita da obra de Shakespeare, pode-se afirmar que ele passou grande parte de sua carreira escrevendo comédias, como *Os Dois Cavalheiros de Verona* (1590-1) e *A Megera Domada* (1590-1), até *Medida por Medida* (1603-4) e *Bom É O Que Acaba Bem* (1604-5).

Umberto Eco em *O Nome da Rosa* ficcionaliza a perda do segundo livro da *Arte Poética* de Aristóteles (384-322 a.C.), que trataria da comédia. Como consequência, estabeleceu-se o domínio da tragédia por ter sido brindada com uma discussão pelo famoso filósofo naquele que é considerado o primeiro livro de crítica literária. Com o prestígio das tragédias em geral e as de Shakespeare, em particular, somente da metade do século passado em diante é que as suas comédias começaram a merecer a atenção da crítica. Um gênero de difícil definição, a comédia era tradicionalmente contrastada com a tragédia, em termos de personagens, que seriam de classe modesta, seu final seria feliz e o seu objetivo, provocar o riso no espectador. Esta finalidade evoca uma outra pergunta de difícil resposta: por que rimos? Henri Bergson (1859-1941) e Sigmund Freud (1856-1939), entre outros, tentaram descrever esta característica que distingue a comédia da tragédia. Talvez as dificuldades



de enquadrar o gênero se devam ao sentido literário e antigo da palavra “comédia”, que designava qualquer tipo de peça, sendo os atores chamados de “comediantes” (como até hoje na França) mesmo ao representar tragédias. Entretanto, um outro fator que distingue o gênero cômico do trágico é a sua riqueza de subgêneros: Patrice Pavis lista 17 tipos de comédias no seu *Dicionário de Teatro* (1999: 54-56) e apenas 3 tipos de tragédias (1999: 416).

As comédias shakespearianas, como vimos, foram escritas desde o início até quase o final da sua carreira; assim, foram sendo submetidas às mudanças do tempo desde a era elisabetana (1558-1603) até a era jaimesca (1603-1625). Nesse ínterim, a Inglaterra crescia, Londres se tornava populosa e próspera, e o teatro alcançava o apogeu do seu prestígio e da sua qualidade artística. Consequentemente, sendo uma arte social por excelência, ele refletia as mudanças sócio-político-econômicas da cultura em que se encontrava enraizado. A fim de estudar as comédias escritas por Shakespeare em diferentes épocas, várias tentativas de classificação têm sido feitas; se, por um lado, classificá-las é tarefa em que a precisão é impossível, por outro, é uma maneira breve e didática de situá-las no cânone. Em geral, elas são divididas em dois grupos: comédias românticas e comédias sombrias.